

BIBLIOTECA ALTERNATIVAS: SENTIDOS SOBRE LEITURA EM DISCURSO**Gustavo Grandini Bastos¹, Lucília Maria Sousa Romão²**

¹Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Física e Matemática/Ciência da Informação e da Documentação, Ribeirão Preto, gugrandini@uol.com.br.

²Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Física e Matemática/Ciência da Informação e da Documentação, Ribeirão Preto, luciliamsr@uol.com.br.

Resumo- Nesse trabalho, mobilizamos a noção de leitura da Análise do Discurso de matriz francesa para investigar como ela é discursivizada no âmbito de bibliotecas nomeadas alternativas, no caso espaços de leitura pouco convencionais. Assim, analisamos dizeres de sujeitos-leitores inseridos dentro de quatro bibliotecas desse tipo, quais sejam, a *Barca dos Livros* de Santa Catarina que leva a leitura através de um barco; a biblioteca *Becei* de Paraisópolis, localizada dentro de uma favela em São Paulo; a biblioteca itinerante *Leitura de Barraco*, espalhada em um assentamento rural do Movimento dos Sem-Terra (MST) e a *Borrachaliteca* de Sabará em Minas Gerais, instalada dentro de uma borracharia. Observamos que essas bibliotecas são faladas como espaços que rompem com o estereótipo de lugar que silencia, cala seus leitores e normatizado por regras rígidas e que instalam a imagem de um lugar que permite troca de sentidos sobre práticas e gestos de leitura.

Palavras-chave: Bibliotecas Alternativas, Sujeitos-leitores, Leitura, Sentido.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas / Ciência da Informação e da Documentação

Introdução

A noção referente ao conceito de leitura tem estudos e conceituações diversas em várias áreas do conhecimento humano. Considerando a diversidade e polissemia do termo, marcamos que, nesse trabalho, ele será refletido no âmbito da Análise do Discurso de filiação francesa, que não crê na existência de uma forma única de leitura ou em um sentido tido como verdadeiro, já que como nos diz Nunes (2003) cada leitor possui sua história de leitura, assim tem uma relação com os textos, com a existência de uma “sedimentação dos sentidos, de acordo com as condições de produção da leitura em épocas determinadas” (NUNES, 2003, p. 25). Ou seja, o ato de ler não é livre nem pode ser qualquer um, mas está atrelado a relações históricas dos sujeitos com os sentidos.

Assim, mudanças de sentidos são constantes, já que eles são flexíveis e mutáveis, o que permite entender que “pensar a leitura sob a óptica de uma concepção da univocidade seria ilusório e ingênuo” (FERREIRA, 2003, p. 208). A leitura abrange não apenas o ato de ler, já que é algo que ultrapassa a concepção do ato de um momento, ela é um processo sócio-histórico de construção de sentidos, “contrapondo-se, pois, à idéia de que a leitura é um produto já inscrito no próprio texto” (INDURSKY, 2003, p. 189); por isso, concordamos que as possibilidades de inscrição dos sentidos ultrapassam o mero ato de decodificar.

Pretendemos marcar como, em consonância com a Análise do Discurso como entendemos

leitura. A partir de agora, trabalhamos com conceitos que nos ajudam a entender o processo de interpretação e o de evidência ideológica dos sentidos, que muitas vezes cremos tornar clara e óbvia apenas um determinado sentido quando da leitura de um texto. Os conceitos de condições de produção, sentido dominante e interpretação serão discutidos para, depois, sustentarem a análise discursiva de recortes de entrevistas coletadas com sujeitos em bibliotecas denominadas alternativas.

Metodologia e Material

A noção de evidência de leitura cria o efeito de credulidade do sujeito em determinada forma de ler e interpretar como se ela fosse a única possível. Nesse caso, o sujeito entende a forma como lê de maneira tão natural que, quando questionado, não consegue crer na existência de outras formas de leitura e sentidos para o mesmo texto. Isso ocorre, pois ele é sempre interpelado pela ideologia cujo trabalho de naturalização ou estranhamento de sentidos faz-se presente nos gestos de linguagem (e leitura); assim, os sentidos que, pelo efeito ideológico de evidência são tidos como claros, devem ser mantidos e repetidos e aqueles diferentes ou indesejáveis ficam silenciados ou banidos de ler e de dizer (RODRÍGUEZ, 2003).

Essa aproximação e/ou distanciamento de sentidos acontece de acordo com as posições dos sujeitos no contexto sócio-histórico, o que nos faz concordar com Pêcheux (1988, p. 161) ao afirmar

que “(...) uma mesma palavra, uma mesma expressão, uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente evidentes – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva”. Dessa maneira, o ato de interpretar tem relação com o processo de produção de sentidos em um jogo no qual assentam-se os sentidos dominantes, considerados naturalizados pela ideologia, e também aqueles tidos como marginais que continuam a fissurar e fazer rachaduras nos primeiros. Na base desse processo, está a certeza de que os sentidos não se encontram colados às palavras como se estivessem permanentemente em estado de dicionário, tampouco são livres ou neutros, visto que ler e interpretar são aqui entendidos como discurso, não existindo sentidos dados “estes são construídos por/atraves de sujeitos inscritos numa história, num processo simbólico duplamente descentrado pelo inconsciente e pela ideologia” (RODRÍGUEZ, 2003, p. 51), o que revela que o sujeito tem um papel ativo na construção de sentidos, que estão além de sua capacidade de controle e intenção (RODRÍGUEZ, 2003).

A leitura é fruto de um complexo processo discursivo, nos quais a inscrição de movimentos de leitura distintos e confrontantes dá-se a conhecer, por isso ocorre de muitas vezes “onde um leitor identifica uma promessa outro pode ler uma ameaça, instaurando-se assim um duplo movimento de leitura. A prática de leitura articula, pois, necessariamente dois sítios antagônicos de significação.” (INDURSKY, 2003, p. 196). Inexiste uma relação dada, um sentido construído que espera um decodificador para revelá-lo; os sentidos são dados por um sujeito que é determinante em sua formulação, mas que não tem controle dela, já que essa lhe escapa, “pode-se perceber que os sentidos ‘criam pernas’ (ou ‘asas’) e são surrupiados de um discurso para outro” (ORLANDI, 1997, p. 140). Desse modo, não se tem um controle consciente das formulações de sentidos, já que a ideologia e o inconsciente são incontroláveis.

Temos, durante a interpretação e a leitura, um processo de construção e não de descoberta de sentidos, mesmo existindo um imaginário de que a língua trabalha com uma suposta transparência da realidade ou que ela deve ser entendida na literalidade dos significantes. O ideário da comunicação fincou suas raízes na noção de que a língua é instrumento e, como tal, deve funcionar como uma ponte a permitir uma comunicação precisa, sem ruídos, falhas, lapsos. Pensar a garantia de um sentido verdadeiro é inconcebível dentro da AD, já que todo sentido é um “efeito construído pelo ponto de vista do enunciador que está na origem dos discursos. É um efeito de

ruptura com a realidade em si, e por isso mesmo fundam-se outros sentidos” (SOUZA, 2003, p. 164-5). Daí a fragilidade de crer em um único sentido como o único verdadeiro, já que a leitura de determinado sentido é obtida devido à posição que tal sujeito ocupa discursivamente, assim, a noção de evidência postula-se de acordo com a posição que os sujeitos se inscrevem, uma posição dentre tantas outras possíveis.

Dentro da estrutura social, temos algumas instituições que buscam a formação de um sujeito-leitor imaginarizado como o ideal, aqui chamado bom-leitor (PFEIFFER, 2003), posição esperada dentro das instituições sociais normatizadoras tais como a escola e a universidade. Tem-se assim, a procura por compor a imagem do bom-leitor como alguém que lê buscando de maneira rápida e eficaz o sentido creditado ao autor ou ao texto e considerado o único verdadeiro. Assim, o bom-leitor é o que vai a biblioteca, compra ou empresta livros e que lê muito, não importando se ele compreendeu ou não o que leu. O que vale como sentido ideológico de evidência é a acumulação da leitura, a quantidade que se lê, o volume medido pelo número de obras consultadas. Essa prática tão rotineira em escolas e bibliotecas considera que a formação de leitores está ligada a certas regiões de sentidos definidas pelo “pode e deve ser lido”, ou seja, há livros já previamente escolhidos que estão disponíveis, que podem ser retirados e outros, que são considerados impróprios para a idade do leitor.

Isso nos causa a dizer que muitas instituições de leitura não têm um interesse em permitir a circulação de uma pluralidade de sentidos e não toleram sentidos diferentes dos seus. Quem enuncia sentidos distintos dos seus é denominado de mau-leitor e ainda quando se tem a oportunidade, como no caso da escola, existem punições, restrições e reprovação do leitor tomado como desobediente. A noção de que novos gestos de leitura são possíveis é permeada por conceitos da AD que falam de um sujeito que não é senhor de seu dizer, mas que tem essa ilusão; um sujeito que é posição no discurso e que se constitui a partir da interpelação, tomada aqui como a captura que a ideologia promove tornando certo sentido o mais adequado. Sujeito este que tem a ilusória certeza de poder dizer tudo, sem risco de ser silenciado e que ignora que os sentidos formam-se no/pelo trabalho da rede de memória, que não são naturais, mas sim fruto de um processo que sócio-histórico. Assim, ninguém descobre os sentidos escondidos no texto ou consegue encontrar o que o leitor quis dizer, mas produz efeitos de leitura a partir da posição que ocupa, do que a ideologia permite dizer em dado momento e das redes de memória às quais tem acesso. A AD procura trabalhar com a constituição e maneira que

sentidos são formulados e não com a atividade de decodificação e rotulagem de sentidos. (FERREIRA, 2003). Consideramos, com base nesse percurso, que a transparência da leitura ensinada na sala de aula e reforçada nas bibliotecas escolares é mera designadora onde cada palavra é colada a um determinado sentido de maneira fixa, produzindo uma ilusão de literalidade que “supõe um leitor cujo gesto de leitura se limitaria a um ato de reconhecimento: as palavras já teriam um sentido (literal, próprio) a ser descoberto” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 69).

Quando o sujeito lê é sempre a partir de um jogo de imagens construídas sobre a posição social que ocupa, existe sempre um “grau de imprevisibilidade quanto ao ‘resultado’ da leitura. Em outras palavras, não se tem como prever totalmente o sentido que o sujeito-leitor pode construir e atribuir aquilo que foi objeto de leitura.” (MARIANI, 2003, p. 110).

Falar sobre uma multiplicidade de leituras supõe falar também de uma gama diversa de leitores e é nessa variedade que temos as possibilidades de resistência à idéia do bom-leitor, já que esses outros leitores, comprovam a possibilidade da existência de outros gestos de leituras, escapulindo do padrão idealizado e difundido (ORLANDI, 2003).

O sujeito precisa interpretar e para fazer isso ele passa por um processo constante de resistência é aqui onde temos a possibilidade de (re)significação de sentidos, aqui é onde o sujeito vive na constante entre resistir e se entregar, essa resistência é a busca de um espaço para enunciar o que acabou sendo silenciado no discurso, temos então o lapso, a falha, o equívoco que não serão estudados aqui posto que não são o foco desse trabalho. O sujeito se reconhece durante sua interpretação (ORLANDI, 2003), acaba por filiar-se a determinados sentidos e formações discursivas (FDs) que são constituídas por uma série de fatores exteriores, que escapam de sua dominância, alterando colocações, formulações e sentidos, são as formas de dizer possíveis a partir do interdiscurso.

Dessa maneira, quando falamos de leitura, é preciso tocar a seguinte questão política: o sentido dominante aponta a imposição de uma única possibilidade de sentido como o correto e como o digno de ser apresentado; os suplementos de leitura, tão empregados nas salas de aula não nos deixam mentir. No entanto, o sentido estabilizado pode ser furado por interpretações outras quando da voz de leitores incomodados com a estabilidade do sentido único que fazem falar como a “a leitura tende a ser múltipla, a ser plural, a ser ambígua.” (FERREIRA, 2003, p. 208). E se estamos na esfera do múltiplo e do plural nos discursos, marcamos que ler implica justamente

romper os grilhões do sentido único e dar voz ao leitor e aos sentidos que lhe são possíveis produzir. É justamente isso que tentaremos escutar nos dados coletados em entrevistas com sujeitos-leitores em bibliotecas denominadas alternativas.

Nosso corpus de análise é formado por recortes de entrevistas realizadas com sujeitos responsáveis ou sujeitos leitores de quatro instituições instaladas em locais pouco convencionais, quais sejam, a biblioteca *Barca dos Livros* de Santa Catarina que leva a leitura através de um barco; a biblioteca *Becei* de Paraisópolis, localizada dentro de uma favela em São Paulo; a biblioteca itinerante *Leitura de Barraco*, espalhada em um assentamento rural do Movimento dos Sem-Terra (MST) e a *Borrachaloteca* de Sabará em Minas Gerais, instalada dentro de uma borracharia. Marcamos que os quatro projetos contam com a presença de inúmeros sujeitos-leitores, muitos dos quais nunca entraram em uma biblioteca pública e também não frequentaram bibliotecas escolares. Isso nos faz ver como o contato com o mundo dos livros está distante da maioria dos brasileiros e, ao mesmo tempo, como tais unidades de leitura representam a brecha para a inscrição de outros sentidos, o que desestabiliza o sentido dominante. Recortes analisados:

“Trabalhar com leitura e com livros é um prazer, é como fazer de seu hobby sua profissão. É ver-se, ver sua força de trabalho como um mecanismo para mudar a realidade social dos indivíduos. É empolgante, é saber que o que você faz é realmente importante e que pode mudar a vida das pessoas para melhor. Literatura, na minha vida, é... tudo! Trabalho, vocação, devoção, atividade meio, atividade fim, paixão. Na dos leitores, é a válvula de escape, é viajar sem sair do lugar, é aprender a lidar com os outros, é crescer...”

“Lá fora quando você faz a leitura, às vezes você faz meio assim jogado, né? Aqui não, você vê que as pessoas tem um interesse em ler e ao mesmo tempo escrever. Quando é uma coisa pressionada (...) você tem que fazer e acabou, agora que nem aqui no movimento, eu pego os livro, mesmo o dos movimento, não é aquela coisa forçada, você vai lá lê e aprende, a gente presta atenção e aprende.”

“Quero fazer mais leitores, quero ficar perto dos livros, quero distribuir livros”

Resultados

O sujeito sustenta-se na posição de leitor que tem prazer no contato com os livros, marcando

como é evidente, dessa posição, acreditar no poder que eles têm. Ao pontuar a existência de “*um mecanismo para mudar a realidade*” e de algo “*realmente importante e que pode mudar a vida*”, fica naturalizado o efeito de valoração do leitor, da leitura e da biblioteca denominada alternativa. Entram também em movimento diversos sentidos para garantir uma contenção do que poderia ser o “*tudo*” na vida do sujeito. A formulação “*Literatura, na minha vida, é... tudo!*” poderia ficar vaga e pouco precisa, visto que tudo é uma marca que assegura a deriva. Na tentativa de conter esse espalhamento de sentidos para todo lado, o sujeito marca uma sequência de outras palavras que poderiam especificar o “*tudo*”, qual seja, “*Trabalho, vocação, devoção, atividade meio, atividade fim, paixão*”. Aqui temos um ordenamento que amarra o mundo do trabalho com o das preferências e das paixões, algo que para o sujeito faz girar os sentidos do seu fazer e, ao mesmo tempo, sintetiza-o na diversidade.

O sujeito aqui marca a leitura como fazer, como algo que se faz de modo diverso e os advérbios de lugar “*lá*” e “*aqui*” apontam para a emergência de sentidos diferentes sobre leitura. O *lá*, no caso, indicia tudo o que está fora do assentamento rural onde o projeto de leitura é desenvolvido, como se imaginariamente o sujeito desenhasse uma borda geográfica de proteção dividindo o que “*lá fora*” faz falar a leitura como “*coisa pressionada*”. O “*aqui*” já implica outro sentido, o da não imposição e não obrigatoriedade de ler e de “*fazer e acabou*”, o que abre espaço para falar do movimento, cuja polissemia aponta tanto o movimento político dos sem-terra quanto o de buscar a leitura nos seus deslocamentos.

A idéia do querer, “*quero fazer mais leitores*”. Marcamos a repetição do mesmo verbo que estranhamos no recorte anterior – fazer –, aqui deslocado. Se no primeiro o sujeito faz a leitura, aqui o sujeito faz o leitor, o que relaciona a prática da leitura com os afazeres da vida cotidiana, associando-a a práticas e não a teorizações. Temos o efeito de desejo de uma teia de leitura, já que todos da comunidade poderiam ser feitos leitores e não apenas um tipo específico de leitor; observamos, ainda, que isso, na voz do sujeito, implica distribuir livros, garantir o acesso, aproximar os leitores dos acervos, o que, no discurso das instituições de leitura, nem sempre é garantido, visto que a burocracia e as normas afugentam muitos sujeitos das bibliotecas públicas e escolares. E também que, nesses espaços, muitos leitores são barrados de se aproximar dos livros, já que o balcão ou mesa do bibliotecário funciona como um muro a garantir a segurança e integridade do acervo, afastando mãos curiosas que possam ameaçá-lo. O recorte acima, dentre outros que coletamos, indiciam um movimento

inverso a esse, implicando o sujeito na sua responsabilidade em tocar e guardar o acervo, tornando-o próximo dos livros e artesão de suas escolhas de leitura.

Conclusão

Ao longo desse trabalho, apresentamos alguns postulados sobre a leitura na perspectiva discursiva como processo de construção histórica de sentidos no qual estão assegurados a polissemia, os movimentos de ruptura dos sentidos estabilizados e dominantes e a emergência de outros modos de dizer. As análises apontaram justamente essa tensão entre o dizer já dado e os movimentos de quebra em sua espessura; procuramos trabalhar com os sentidos discursivizados pelos sujeitos inscritos em práticas denominadas alternativas de leitura, tentando compreender o processo histórico de construção de sentidos em ambientes marcados pela ausência de intervenção do Estado no sentido de permitir o contato de sujeitos-leitores com a leitura. Submeta seu artigo respeitando a data limite para tal, que será rigorosamente respeitada. Assim, consideramos as bibliotecas alternativas como espaços discursivos onde outras vozes fazem falar os sentidos de leitura envolta, não mais em obrigação, quantidade, sentido único ou dever, mas como prazer, divertimento, diversidade e possibilidades de mudança social.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pelo apoio no desenvolvimento de nossas pesquisas.

Referências

- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a proposta de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3ª ed. São Carlos, Editora Claraluz, 2007.
- INDURSKY, Freda. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- MARIANI, Bethânia. As leituras da/na Rocinha. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- NUNES, José Horta. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista** - discurso do confronto velho e novo mundo. Campinas, Cortez Editora e Editora da Unicamp, 1990.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- PAYER, Maria Onice. Memória de leitura e meio rural. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.

- PECHÊUX, Michel. **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

- PFEIFFER, Claudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- RODRÍGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- SOUZA, Pedro de. No excesso de leitura a deflação do leitor. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.

- ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Limiares de silêncio: a leitura intervalar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, Editora Pontes, 2003.